

Centenário da gripe espanhola

O livro de inumações n.º PT/AMSTB/CMSTB/N-G-01/005/007, a que correspondem os óbitos ocorridos entre 1916 e 1921, constante no espólio do Arquivo Municipal de Setúbal, recorda o cenário trágico da gripe espanhola vivido no concelho sadino há cerca de um século atrás, agora em retrospectiva, numa altura atual de luta contra outra pandemia global associada à doença do Covid 19.

Responsável pela morte de larguíssimas centenas de setubalenses, num universo de mais de 100 mil portugueses e de pelo menos 50 milhões a nível mundial, podendo mesmo ter chegado a 100 milhões, segundo alguns investigadores, a gripe espanhola foi uma das epidemias mais devastadoras de toda a História, convergindo isto ainda com o período correspondente ao da Grande Guerra de 1914-1918.

Ainda hoje não é suficientemente claro qual foi o ponto de início do foco desta gripe marcada pela mutação do vírus influenza e que provavelmente teria passado das aves para os seres humanos, dividindo-se os investigadores entre a China e os Estados Unidos da América, sendo certo que foi através do conflito armado que se promoveu a sua disseminação global, com os resultados catastróficos conhecidos. Importa assim clarificar que a associação desta gripe a Espanha apenas ocorre devido à intensa cobertura jornalística que se verificou neste país, que, na altura tinha uma imprensa livre, ao contrário de muitas sociedades da época que condicionavam a imprensa.

O historiador Diogo Ferreira aponta que, segundo a Estatística do Movimento Fisiológico da População Portuguesa do ano de 1918, coordenado pelo Dr. Ricardo Jorge, a gripe espanhola ceifou a vida a 672 setubalenses num total de 2633 óbitos ocorridos neste ano, descrevendo a vida concelhia no período abrangido pela pandemia marcada essencialmente pela dura luta pela sobrevivência face à reduzida capacidade de meios médicos e hospitalares, pois só havia a delegação do Hospital da Cruz Vermelha e quatro médicos para uma população de mais de 50 mil habitantes. Acontecia também que os tratamentos médicos eram, maioritariamente, de índole paliativa já que durante muito tempo se desconheceu o agente gerador da influenza.

À pouca capacidade médica e hospitalar somaram-se também as fracas condições higiénico-sanitárias do meio urbano que fez a pandemia encontrar um terreno extremamente favorável à sua propagação e disseminação. Os tempos eram marcados pelo grande boom da atividade piscatória e pela transformação do pescado da indústria conserveira que estava na linha da frente para o abastecimento de refeições para os militares combatentes no cenário de guerra da Primeira Guerra Mundial, sendo que a limpeza não era regular dentro das instalações das fábricas e nos equipamentos de trabalho e sociais que eram partilhados por todos. A salubridade era também deficiente no tocante ao abastecimento de água e ao nível de esgotos e tratamento de águas.

Para o investigador é também fundamental enquadrar o quotidiano da cidade nas vésperas do surgimento da gripe espanhola, uma vez que se está perante uma das regiões do país em que o custo de vida mais aumentou em face da dependência externa em termos de géneros de primeira necessidade, entre os quais pão, centeio, farinha e carne, entre outros. A inflação, o açambarcamento, o mercado negro e o contrabando proliferaram como resposta à constante não receção de farinhas ou trigo, principalmente nos anos de 1917 e 1918. Como resposta *“multiplicaram-se as greves e os assaltos coletivos a estabelecimentos comerciais. A crise dos abastecimentos e a fome das ‘subsistências’ enfraqueceram os corpos já desprotegidos das classes trabalhadoras setubalenses e abriram caminho à propagação desta enfermidade”*, aponta Diogo Ferreira.